

# BIENAL EM *Revista*

**Mauricio de Sousa**

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O  
PAI DA TURMA QUE ENCANTA  
GERAÇÕES

**Internet**

SUA INFLUÊNCIA EM NOSSOS  
HÁBITOS DE LEITURA

**Guia**

UM DIA DE LITERATURA  
EM SÃO PAULO



# DIVERSÃO, CULTURA E INTERATIVIDADE: TUDO JUNTO E MISTURADO

Este é o tema da 23ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, a grande festa da literatura que durante dez dias reúne o que há de melhor na produção editorial brasileira. O evento é um espaço para promoção da leitura, através de conversas com autores, debates, encontros de leitores e comercialização de livros. Além disso, conta com uma vasta programação cultural, que inclui música, teatro, gastronomia, cinema, dança e circo. Tudo isso tem como objetivo tornar sua experiência única.

Em suas mãos, está a primeira edição da *Bienal em Revista*, criada para enriquecer sua visita. Todo seu conteúdo está relacionado à programação literária do evento e permite conhecer mais a fundo seus participantes. Aqui, você vai encontrar o guia *24 horas de literatura em São Paulo*, que ultrapassa os portões do Anhembi e apresenta os principais pontos literários da cidade. *Futuro Incerto* mostra o que está por trás das distopias, sucesso nas livrarias e nos cinemas.

Em nossa entrevista, uma homenagem ao ícone das histórias em quadrinhos, Mauricio de Sousa. Uma reflexão sobre o impacto das novas tecnologias em nossa relação com os livros é feita em *A nova era da literatura*. Na seção *Resenha*, o leitor fica por dentro do último lançamento de um dos mais importantes autores de mistério do mundo, Harlan Coben. E por fim, *O caminho até o primeiro livro* revela curiosidades das trajetórias de importantes escritores brasileiros e estimula os que sonham em juntar-se ao time.

Esperamos que você aproveite as próximas páginas e a singular aproximação com o universo da literatura proporcionado pela Bienal. Bom evento, boa leitura!

## Bienal em Números

400  
ATRAÇÕES

AUTORES  
INTERNACIONAIS 22

186 AUTORES  
NACIONAIS

ESPAÇOS 8

750 SELOS  
EDITORIAIS

EXPOSITORES 300

1.500 HORAS DE  
PROGRAMAÇÃO

## SUMÁRIO

4.  
Guia percorre  
principais pontos  
da capital paulista

DESTINO  
LITERÁRIO



10.  
Gênero distopia  
ganha destaque com *best-sellers*



NA  
BIENAL

12.  
Maurício de Sousa  
fala sobre os projetos  
da Turma da Mônica

ENTREVISTA



17.  
Influência da internet  
na literatura

21.  
Harlan Coben  
lança *Seis Anos  
Depois* no Brasil

RESENHA



PROFISSÃO:  
ESCRITOR

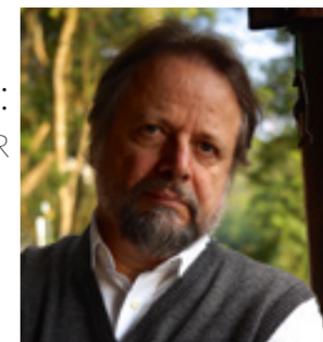


Foto: Ana Tezza

22.  
O início da carreira de  
Cristovão Tezza  
e outros autores

### EXPEDIENTE:

A *Bienal em Revista* é um produto acadêmico para a conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina realizado pela aluna Fernanda Costa no segundo semestre de 2014.

**Redação e edição:** Fernanda Costa  
**Orientação:** Daisi Vogel  
**Projeto gráfico e diagramação:** Ana Paula Agostini  
**Florianópolis, SC – Dezembro de 2014**





## 13H – FACULDADE DE DIREITO DA USP

Também conhecida como Faculdade de Direito do Largo São Francisco, a Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo) é considerada uma das melhores em sua área e a mais antiga do Brasil. A visita vale a pena por sua arquitetura, em estilo neocolonial, e pela história de seus célebres alunos, entre eles, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato, José de Alencar, Castro Alves e Álvares de Azevedo.

Este último é representado em frente ao prédio por um busto, que inicialmente ficava na Praça da República, mas foi levado ao local por apelo dos estudantes. O edifício é aberto ao público, mas visitas guiadas são realizadas apenas na última sexta-feira do mês, às 14h30, ou podem ser agendadas com antecedência.

Criada em 1827, a faculdade foi instalada em um convento e funcionou assim durante 103 anos. Em 1930, o edifício foi destruído e quatro anos depois, o chamado “Prédio Histórico” foi inaugurado. A criação dos cursos de pós-graduação em 1973 tornou o espaço insuficiente para a quantidade de alunos e levou a administração da USP a decidir pela transferência da faculdade para o campus da Cidade Universitária.

Professores e estudantes foram contrários à mudança. Por isso, logo após ser colocada, a pedra fundamental da pretensa nova construção foi retirada por alunos, levada até o Largo de São Francisco e instalada na calçada em frente ao edifício, onde está até hoje, com os dizeres: “quantas pedras forem colocadas, tantas arrancaremos”.



Foto: João Correia Filho



Foto: Marcos Santos | USP Imagens

**Faculdade de Direito da USP**  
Largo São Francisco, 95, Centro  
Entrada gratuita  
A biblioteca, responsável pelas visitas guiadas, está aberta de segunda a sexta-feira, das 8h15 às 20h45  
Mais informações: [saubibfd@usp.br](mailto:saubibfd@usp.br) e (11) 3111-4053



Foto: Marcos Santos | USP Imagens



## 14H30 – THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Um dos mais importantes teatros da cidade foi inaugurado em 1911, atendendo ao desejo da elite de construir um espaço à altura dos centros culturais europeus. Essa influência pode ser vista em sua arquitetura, que foi inspirada na Ópera de Paris e teve como responsáveis os italianos Cláudio e Domiziano Rossi, em parceria com o brasileiro Ramos de Azevedo. Assim, o teatro colocou São Paulo de vez na rota dos espetáculos internacionais, promovendo principalmente óperas e concertos.

No entanto, foi outro evento que fez o local ganhar destaque e marcou sua história. Em oposição à cultura conservadora que predominava na época, um grupo de artistas organizou a Semana de Arte Moderna de 22. O objetivo era criar um novo cenário, inovador e experimental, e valorizar o Brasil e o que era produzido por brasileiros. Entre os participantes, destacam-se Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Mário de Andrade e Heitor Villa-Lobos.

Desde o início do ano, é possível fazer uma visita guiada gratuita pelo interior do teatro e conhecer seus salões e inúmeras obras de arte, como esculturas e vitrais – são cerca de 200 mil peças de vidro. Aconselha-se chegar ao local com pelo menos 30 minutos de antecedência para realizar a inscrição. O passeio tem duração de 90 minutos e ainda inclui a Praça das Artes, em um prédio anexo, sede dos grupos artísticos da Fundação Theatro Municipal.

O teatro também dispõe de um café, que funciona entre 9h e 15h, e é famoso por seu farto bufê. Consulte no site do Theatro o calendário de apresentações e se puder, programe-se para voltar e assistir a um espetáculo, como os de balé, coral, orquestra e ópera.



Foto: Mateus Zimmermann



Foto: João Correia Filho

### Theatro Municipal de São Paulo

Praça Ramos de Azevedo, República  
Visitas guiadas: terça a sexta-feira às 11h, 15h e 17h. Sábado às 11h, 12h, 14h e 15h. Inscrições gratuitas no local, a partir das 10h, por ordem de chegada.  
Mais informações: [www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/theatromunicipal](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/theatromunicipal) e (11) 3053-2100



## 18H – EXPOSIÇÃO ANNE FRANK

A exposição itinerante Anne Frank – Histórias que Ensinam Valores teve início em agosto na biblioteca do Senac Lapa Tito e até 2016 deve percorrer 56 bibliotecas do Senac São Paulo. A mostra conta a história da adolescente judia que escreveu um diário durante a época do nazismo.

Anne e sua família mantiveram-se escondidos no sótão da empresa de seu pai em Amsterdã entre 1942 e 1944, com a ajuda de funcionários e amigos, até serem denunciados. Durante esse tempo, ela relatou no diário o cotidiano das pessoas que viviam no “anexo secreto”. Otto Frank, seu pai, foi o único sobrevivente da família e em 1947 publicou O diário de Anne Frank, que é atualmente um dos livros mais traduzidos do mundo.

O visitante é recebido por um painel com as “15 coisas que você precisa saber sobre Anne Frank”, que resume sua história. À medida que percorre a exposição, ela é mostrada de maneira mais aprofundada, através de uma reprodução do seu diário com relatos originais, totens informativos, diversas fotos de sua infância e adolescência e até uma miniatura do edifício que abrigava o esconderijo da família Frank. Também é possível assistir a vídeos que auxiliam na compreensão dos acontecimentos e seus impactos na atualidade, além de uma aula digital, direcionada a jovens de 14 a 21 anos.

A iniciativa é realizada em parceria com a embaixada dos Países Baixos em Brasília, Casa Anne Frank e Instituto Plataforma Brasil e tem como objetivo construir uma memória coletiva sobre as violações de direitos humanos cometidas no passado.



Fotos: Fernanda Costa

### Anne Frank – Histórias que Ensinam Valores

Biblioteca do Senac Lapa Tito. Rua Tito, 54, Vila Romana

Aberta de segunda a sexta-feira, das 8h às 21h, e aos sábados, das 8h às 15h

Entrada gratuita

Mais informações: [www.sp.senac.br](http://www.sp.senac.br) e (11) 2888-5500



## 20H30 – CASA DAS ROSAS

Localizada na Avenida Paulista, no coração da cidade, a Casa das Rosas é uma mansão em estilo clássico francês e recebeu esse nome em função de seu extenso jardim de rosas, muito bem preservado até hoje. O projeto é do arquiteto Ramos de Azevedo, o mesmo do Theatro Municipal, e foi no local que seus herdeiros viveram até meados dos anos 1980.

No centenário da avenida, em 1991, a casa foi restaurada e transformada em espaço cultural, e no final de 2004, foi reinaugurada como Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura. Campos era paulista e durante a vida recebeu diversos prêmios, entre eles, cinco Jabutis. A biblioteca do museu conta com livros de seu acervo pessoal, de doações e aquisições, que juntos, somam cerca de 20 mil volumes à disposição para consulta.

A casa oferece oficinas de criação e crítica literárias, palestras, lançamentos de livros, apresentações artísticas, exposições e visitas guiadas, que podem ser agendadas ou espontâneas, e dispõe de um café em seu interior. «



Foto: João Correia Filho

### Casa das Rosas

Avenida Paulista, 37, Bela Vista

Aberta de terça-feira a sábado, das 10 às 22h, e domingos e feriados, das 10 às 18h

Entrada gratuita

Mais informações: [www.casadasrosas.org.br/](http://www.casadasrosas.org.br/) e (11) 3285-6986

## São Paulo, literalmente



Imagem: Divulgação

O fotojornalista João Correia Filho lançou este ano o guia *São Paulo, Literalmente*. Nele, o leitor é convidado a fazer uma viagem pela capital paulista na companhia de escritores como Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade. Esse é o terceiro livro de uma série que é composta também por *À Luz de Paris* e *Lisboa em Pessoa*, que lhe rendeu um Prêmio Jabuti em 2012. Conheça mais sobre o autor e seu trabalho:

### Como surgiu a ideia de criar guias literários?

Como jornalista, viajo muito para fazer reportagens para uma série de revistas. Comecei a inserir a literatura em minhas matérias e o tema foi ganhando um espaço cada vez maior. Quando estava em Lisboa, vi o livro *Lisboa – O que o Turista Deve Ver*, de Fernando Pessoa, e tive a ideia de escrever sobre isso. Começou como uma matéria, mas quando vi que poderia virar um guia, liguei para uma conhecida na Leya, editora portuguesa com um braço no Brasil, e fiz a proposta. Eles toparam no ato.

### Como é o processo de pesquisa para os livros?

Os primeiros três meses são dedicados à pesquisa bibliográfica. Converso com alguns especialistas para fazer uma lista dos livros que não podem faltar. Aí é sentar e

ler, li cerca de 80 livros para o guia de São Paulo. Então, eu faço o desenho dos roteiros e passo um ou dois meses no lugar para apurar todas as informações. Depois, são mais três meses para escrever e pensar na estrutura do guia. Nessa parte do processo entra a designer e leva mais alguns meses até o livro ficar pronto.

### Como as três áreas, turismo, literatura e fotografia, se relacionam?

É tudo uma questão de recorte. A literatura é um recorte, um filtro para as viagens. São as leituras que você faz sobre o lugar que fazem você refletir sobre ele, que possibilitam um olhar diferente. Ela também sensibiliza na hora de fotografar, você consegue perceber coisas que traduzem o que você leu. Na capa do guia de São Paulo, por exemplo, eu tento traduzir um conceito – a contradição do grande monstro de concreto, que representa a cidade, e a delicadeza do pássaro, que traduz a sensibilidade da literatura.

### Quais cidades devem ser retratadas nos próximos guias?

O próximo guia é o de Buenos Aires, deve ser lançado em outubro de 2015. Eu comecei a escrevê-lo antes do de São Paulo, mas resolvemos trocar a ordem e em novembro vou para lá retomar o trabalho. Também planejamos lançar um do Rio de Janeiro.

# FUTURO INCERTO

POPULARES NO SÉCULO PASSADO, AS DISTOPIAS VOLTAM A FAZER SUCESSO COM HISTÓRIAS DE UM MUNDO AMEAÇADO

Com tantas mudanças acontecendo, quem nunca parou para pensar em como será o dia de amanhã? Na literatura, é possível encontrar inúmeras projeções, otimistas e pessimistas. As primeiras são as utopias, que representam um ideal imaginário, perfeito demais para ser alcançado. Já as distopias, ao contrário, retratam um futuro em que as condições de vida se tornaram piores do que aquelas em que vivemos. Geralmente, estão ligadas às formas como a sociedade e o poder se relacionaram com a tecnologia, a ciência ou algum evento extraordinário e criaram um mundo de opressão e sem esperança para a maioria de seus habitantes.

Os primeiros textos do gênero foram publicados no início do século XX, como o conto *The Machine Stops* (“A Máquina Para”, 1909), de E. M. Forster. Nas décadas seguintes, livros clássicos foram lançados, como *Nós* (1924), de Evgeny Zamiatin, *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, e *1984* (1949), de George Orwell, considerados referências até hoje. Desde então, outros títulos marcantes foram lançados, entre eles estão *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, *O Homem do Castelo Alto* (1962), de Philip K. Dick e *Neuromancer* (1984), de William Gibson. Mais recentemente, uma nova onda de distopias tomou conta das livrarias, dessa vez, com uma característica em especial: grande parte é voltada para o público infantojuvenil.

A mais popular do grupo é a trilogia *Jogos Vorazes*, que já vendeu mais de 85 milhões de cópias em todo o mundo e teve seus dois primeiros livros adaptados para o cinema, ambos na lista das maiores bilheterias mundiais, e terá a conclusão da série transformada em outros dois filmes. O enredo destaca a vida precária da maior parte da população, em oposição a poucos que vivem na abundância e na busca pelo prazer, e teve sua primeira parte lançada pela norte-americana Suzanne Collins em 2008.

Para Rudinei Kopp, autor de *Quando o Futuro Morreu?*, sobre o universo das distopias, não é coincidência que *Jogos Vorazes* tenha eclodido no mesmo ano da crise que fez milhares de famílias perderem suas casas e empregos nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que ampliava a concentração de renda e poder para um grupo restrito. “O contexto social é inerente à trama literária distópica”, explica. Ao analisar suas origens, é possível perceber que as principais motivações estavam relacionadas aos problemas trazidos pelo progresso e pelas ideologias, como as duas guerras mundiais, o socialismo resultando no comunismo soviético e o desemprego nos países capitalistas. Os



Foto: Divulgação

diversos avanços sonhados estavam se realizando, mas não fizeram a Terra se tornar um paraíso.

É um dos principais propósitos desse tipo de literatura: lançar um alerta sobre como nossas ações podem refletir no futuro. “Os autores podem exagerar em vários aspectos, podem até errar em suas previsões, mas invariavelmente, parecem captar alguma coisa que está adormecida, ou que já é aceita como normal. Eles provocam o leitor a ver a situação a partir de um desconforto que a ficção é capaz de despertar quando tem um pé no ensaio sociológico ou antropológico”, defende o especialista. O mesmo vale para os livros direcionados aos jovens. Apesar de também abordarem problemas típicos da adolescência e contarem com muitas cenas de aventura e romance, sem a aspereza dos textos clássicos, revelam analogias aos contextos sociais atuais e convidam a refletir sobre o mundo de uma maneira mais crítica.

Segundo a doutora em educação Gabriela Rodella, que durante oito anos estudou as práticas de leitura de adolescentes, são essas narrativas, fantásticas, de aventura e os romances

sentimentais, que mais cativam esse público. Ela defende que a inserção desses livros nas salas de aula pode ser o primeiro passo para a formação de leitores críticos. No caso das distopias, ainda há a possibilidade de estender as reflexões para o campo social. “A discussão daquilo que é objeto de leitura dos adolescentes pode nos levar a compreender o que eles constroem como representações do mundo.” A partir daí, pode ser iniciada a transição para os clássicos, através de leitura acompanhada durante as aulas, diários pessoais de leitura, ou comparações com os livros já lidos pelos adolescentes – “não para indicar qual é melhor ou pior, mas para refletir sobre as diferenças da estrutura do texto, das intenções do autor, das dificuldades e facilidades, entre outros aspectos”, completa.

Além de *Jogos Vorazes*, outras séries que fazem sucesso entre os jovens, todas iniciadas nos últimos dez anos e com milhares de cópias vendidas no Brasil, são *Divergente*, *Destino*, *Feitos*, *Delírio* e *A Seleção*. Esta última, escrita pela

norte-americana Kiera Cass, é *best-seller* na seção de infantis do jornal *The New York Times* e considerada uma das mais leves entre as distopias infantojuvenis. A saga conta a história de America, que vive em uma monarquia absolutista, com a sociedade dividida em castas. Uma das únicas formas de mobilidade social é ser escolhida no *reality show* que confina no castelo do rei 35 garotas, com o objetivo de conquistar o coração do príncipe.



Foto: Divulgação

**Kiera Cass participará da Arena Cultural no dia 23/08, às 18h**

## AMERICANO É BEST-SELLER DO GÊNERO



Foto: Divulgação

Para os adultos, destacam-se entre as distopias atuais a série *Silo* (2011), de Hugh Howey, que se passa em uma era pós-apocalíptica onde os poucos sobreviventes vivem confinados em um silo subterrâneo, dividido em vários andares. Segundo o autor, o primeiro livro, publicado este ano no Brasil, conta a história de Juliette e sua busca pela verdade. Confira a entrevista completa:

**Por que você escolheu um enredo pessimista para descrever o futuro?**

Romances distópicos, onde coisas ruins acontecem, engajam mais os leitores. Têm tensão, drama e você não sabe se alguém vai se salvar. É por isso que as pessoas leem a noite toda e não podem ir dormir, porque precisam ler o próximo capítulo. E se você quer escrever um livro que pede por um presente melhor, precisa mostrar um futuro que pode ser pior. A intenção do livro é dizer “Ei, a não ser que melhoramos a forma como tratamos uns aos outros, podemos ter um mundo assim”.

**Distopias costumam revelar o contexto social do lugar em que foram escritas. É o caso de *Silo*?**

Sim, com certeza. Quando escrevi o livro, coisas muito ruins estavam acontecendo no mundo todo: a Primavera Árabe no Oriente Médio, os protestos contra os bancos na *Wall Street*, em Nova Iorque, e mais recentemente, no Brasil, vocês também tiveram pessoas indo às ruas.

Esse é o mundo sobre o qual eu quis escrever. Mas é preciso encontrar o equilíbrio – você tem que chamar a atenção, não destruir o lugar em que vivemos. É muito mais fácil estar nos extremos, mas eu acredito que a sanidade fica no meio.

**Os anos em que trabalhou como capitão de iates influenciaram na criação da história?**

Sim, foram muito importantes. Eram barcos enormes, com vários andares, como no livro. O primeiro era o pior, sujo, ninguém queria estar lá. Acima, ficava a parte mecânica. Depois, o lugar onde as pessoas que trabalhavam ficavam e por fim, o deck, em que o pessoal bebia e pegava sol. Você podia ver como eles viviam, mas não podia viver como eles. E eu acredito que é isto que está acontecendo no mundo. Pode até estar melhorando para várias pessoas, mas está melhorando mais rápido para algumas do que para outras.

**Quais autores inspiraram seu trabalho?**

Eu li muita ficção científica, como os clássicos *1984* e *Admirável Mundo Novo*. Mas tive bastante influência de livros de não ficção, entre eles, os de história, que falavam sobre as guerras e como se repetem em ciclos. Isso é algo marcante em *Silo*. Eles continuam fazendo a mesma coisa por muito tempo, conseguem uma melhora e são destruídos de novo, até que conquistam uma melhora que ninguém mais pode deter. E é isso que muda o mundo. «

**Hugh Howey participará da Arena Cultural no dia 24/08, às 18h**



# “A INFÂNCIA PODE TER MUDADO NA FORMA, MAS NÃO NO CONTEÚDO”

AOS 78 ANOS, MAURICIO DE SOUSA CONTA COMO SUAS HISTÓRIAS FAZEM SUCESSO ENTRE AS CRIANÇAS HÁ MAIS DE CINCO DÉCADAS

Com mais de um bilhão de gibis impressos, a Turma da Mônica encanta jovens leitores em mais de 30 países que recebem seus quadrinhos sem nenhuma adaptação, a não ser a tradução dos textos. Na China, os personagens fazem parte do programa de pré-alfabetização. Na Coreia do Sul, viraram tema de exposição. Já o Japão e países de língua espanhola, ganharam canais no YouTube com vídeos em seus idiomas. Defensor dos quadrinhos como ferramenta de alfabetização, o empresário e cartunista inclui nos próximos planos da Mauricio de Sousa Produções ações de incentivo à educação, relacionadas principalmente a crianças fora das escolas.

E não são só os mais novos que se divertem – 50% de seus leitores têm mais de 20 anos. Ele explica: “Todos somos aquelas mesmas crianças pelo resto da vida”. Para atingir todos os públicos, lançou em 2008 a Turma da Mônica Jovem, em estilo mangá, gibis japoneses com desenhos em preto e branco. Dessa forma, pôde tratar de outros assuntos, como namoro e conflitos da adolescência. De lá para cá, o Cebolinha procurou um fonoaudiólogo, mas ainda troca as letras quando fica nervoso, a Magali continua comilona, mas se preocupa em manter uma alimentação saudável, e o Chico Bento, começou a estudar Agronomia. “Como pai, só posso ficar muito feliz de ver a Turma crescendo.”

## **No ano passado, a Mônica completou 50 anos. O que mantém a personagem popular entre as crianças depois de tanto tempo?**

Estamos sempre atentos às crianças, ao que elas fazem, pensam, sentem, o que desperta sua curiosidade e o que as encanta. Procuramos estar sintonizados com nossos leitores, de todas as maneiras possíveis, interagimos com eles o tempo todo, inclusive por meio das redes sociais. Falamos a linguagem do dia e da hora.

Também temos roteiristas espalhados por todo o país, próximos de suas famílias, observando a realidade. E o mais importante: nunca subestimamos a inteligência das crianças. Como eu tive dez filhos ao longo de 50 anos, falei com dez tribos diferentes.

A Mônica surgiu a partir da minha observação das situações vividas com minhas filhas. Ela é uma criança e se comporta como tal. Isso nunca mudou. Acredito que, por isso, as crianças sigam se identificando com ela. Além disso, nossas personagens estão sempre vivendo situações próximas das que vivem nosso público, falando como esse público e desejando as mesmas coisas.

### O senhor sempre cita seus filhos como fonte de inspiração. Todos eles viraram personagens?

Nem todos. Foi uma coisa que veio acontecendo. Podiam ser os filhos ou os filhos dos vizinhos. Felizmente, meus filhos se prestavam para ótimos personagens. A Mariângela inspirou a Maria Cebolinha; a Mônica dispensa apresentações; a Magali virou a comilona que faz 50 anos este ano; o Mauricio Spada e Sousa aparece como o dr. Spam; a Marina, que hoje vai assumindo o estúdio, ao lado da mãe, inspirou a personagem desenhista, com seu lápis mágico; o Mauro, com seu medo de chuva, inspirou o Nimbus; o Maurício Takeda foi a base para o Do Contra. O mais novo, o Marcelinho, inspirou um personagem preocupado com temas bem atuais, como sustentabilidade e consumo consciente, cujas histórias estrearão em breve.

**“Hoje, entre quadrinhos e tiras de jornais, nossas criações chegam a mais de 30 países, sem qualquer adaptação, a não ser a tradução dos textos.”**

### Além de inspiração, alguns deles também trabalham com o senhor na Mauricio de Sousa Produções. Como funciona esse modelo de gestão familiar?

Eu diria que funciona muito bem. Hoje, seis de meus dez filhos trabalham comigo. Cada um foi assumindo seus postos de acordo com seus talentos e méritos. A Mônica, por exemplo, começou cuidando da antiga Lojinha da Mônica. Como demonstrou ter vocação e trazer resultados, com o tempo assumiu contratos de licenciamento e hoje é diretora comercial, responsável por toda a área. O Mauro Takeda é o chefe da área de produções, a MS ao Vivo, responsável pelos espetáculos.

Um de meus netos, o Marcos Saraiva, filho da Mônica, gere a área digital, uma divisão que está crescendo e deve crescer muito mais nos próximos anos. Marina, que sempre demonstrou talento para o desenho e já começa a dividir a aprovação dos roteiros comigo,

trabalha no estúdio, ao lado da mãe, minha mulher, Alice Takeda. Mauricio Spada, Vanda e Valéria cuidam de negócios que vão de criação de vídeos para a área de cinema até exportação e internacionalização da marca.

### Como é a repercussão da Turma da Mônica nos outros países?

Hoje, entre quadrinhos e tiras de jornais, nossas criações chegam a mais de 30 países, sem qualquer adaptação, a não ser a tradução dos textos. Na China, por exemplo, as crianças adotaram a Mônica de imediato. Parece até uma personagem local. Nossos personagens integram o programa de pré-alfabetização chinês, estando em publicações didáticas distribuídas a milhões de crianças. Este ano lançamos um canal japonês no YouTube, com os episódios de Mônica Toy, nossa série no estilo toy art, sem diálogos, o que facilita a universalização, e também um canal em espanhol.

Este ano, fomos tema de uma exposição numa das principais galerias de Seul, na Coreia do Sul. Recentemente, também me senti muito honrado com um artigo do primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, na Folha de S. Paulo, que citou a relação de nossos personagens com os do criador do Astro Boy, Osamu Tezuka, como exemplo do intercâmbio entre os dois países. Outra vertente de nossa presença lá fora são os personagens baseados em nossos jogadores, como o Pelezinho, Neymar Jr e Ronaldinho Gaúcho. Acho que posso dizer que, assim como o futebol, a Turma da Mônica faz parte do “soft power” do Brasil.

### De que maneira os gibis podem contribuir para a alfabetização e a formação de jovens leitores?

Não sou educador, mas sei que a Turminha contribuiu e contribui, informalmente, no processo de alfabetização de milhões de brasileiros. A frase que mais ouço quando tenho contato com o público é: “Aprendi lendo suas histórias”. E fico muito feliz com isso, claro! Considerando-se que já imprimimos mais de um bilhão de gibis e que cada exemplar é lido por quatro pessoas, em média, dá pra ter uma ideia do alcance.

Além da técnica narrativa com imagens em sequência, que as crianças reconhecem e entendem antes de aprenderem a ler, os quadrinhos usam letra bastão, o que facilita a leitura dos que estão começando. No Portal do Professor, mantido pelo Ministério da Educação, muitos educadores trocam planos de aula usando nossos personagens. Eles sempre citam o fato de os alunos conhecerem e gostarem da Turminha, o que facilita o aprendizado.

Sempre lembro que a raiz da palavra “decorar”, muito além da decoreba, da qual nunca gostei, é “de coração”, considerado a sede da afetividade e também da inteligência e da memória. O que amamos não esquecemos. Também fiquei feliz em saber que uma pesquisa feita pela Multifocus mostrou que as crianças mais curiosas e interessadas leem quadrinhos. Curiosidade é o primeiro passo para alfabetizar e formar leitores para a vida toda.

### Como foi a criação de uma nova etapa para os personagens, com o surgimento da Turma da Mônica Jovem?

Percebemos que as crianças, cada vez mais cedo, começavam a deixar de ler os gibis. Voltavam mais tarde, como voltam até hoje: 50% dos nossos leitores têm mais de 20 anos, mas havia uma fase intermediária em que o interesse decrescia. Por outro lado, havia um grande interesse pelos mangás, gibis japoneses com traço característico, com desenhos em preto e branco. Vi aí uma oportunidade de falar com esse público e ter mais liberdade para tratar de assuntos que interessam a eles, como namoro, conflitos da adolescência, entre outros.

Os personagens mantiveram suas características: a Mônica ainda é dentucinha; a Magali continua ligada em comida, mas procura se alimentar de maneira saudável; o Cascão toma banho, mas se manteve ligado aos esportes; o Cebolinha fez fono, mas, quando fica nervoso, ainda troca as letras. Em 2013, lançamos a revista Chico Bento Moço, contando a vida do personagem aos 18 anos e ingressando na Faculdade de Agronomia. Este ano, a Tina ganhou uma nova versão, com desenhos em computação gráfica. Como pai, só posso ficar muito feliz de ver a Turma crescendo.

### A Turma da Mônica já tem sua loja na internet e um aplicativo para tablets e smartphones. Como está sendo a adaptação às novas tecnologias?

A adaptação é natural e ocorre o tempo todo, desde que começamos. Somos produtores de conteúdo, nossa matéria-prima são as histórias, a plataforma é que varia. E sempre vai variar, é bom que seja assim. A Turma da Mônica surgiu em tirinhas de jornais em 1959, ganhou a TV, primeiro com os comerciais do Jotalhão, a partir de 1969, depois com desenhos animados. Das revistinhas passamos ao cinema, a partir dos anos 80, do VHS para o DVD e Blu-ray. Hoje estamos em canais de TV a cabo e também em novas plataformas, como Netflix e YouTube, além de aplicativos.

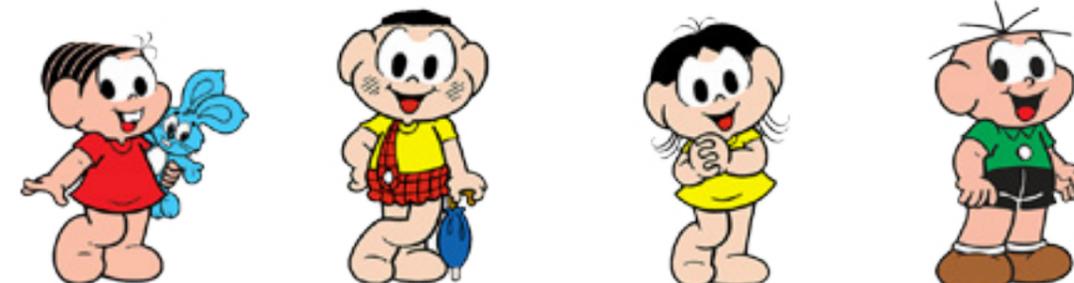
Quando os videogames se popularizaram, nos anos 90, lançamos jogos para eles, então, nada mais natural que lançarmos aplicativos para celulares e tablets. Parte de nossas histórias em quadrinhos está no nosso site e temos planos de disponibilizá-las em outras plataformas digitais muito brevemente.

**“A frase que mais ouço quando tenho contato com o público é: ‘Aprendi lendo suas histórias!’. E fico muito feliz com isso, claro!”**

### Antes de conseguir ser contratado como desenhista, o senhor trabalhou por cinco anos em outra área, como repórter. Como vê o mercado para desenhistas hoje e qual conselho daria para quem quer seguir seus passos?

A reportagem me ensinou a escrever de maneira direta, enxuta, ideal para os quadrinhos. Gosto de fazer histórias mais ou menos jornalísticas. Isso situa o leitor e o personagem no dia de hoje. Para incluir novos assuntos, é preciso sentir se serão “notícia”, em termos de quadrinhos, de receptividade do leitor. Depois, basta desenhar. Sobre o mercado, acredito que há oportunidades para quem é talentoso e persistente. Ao mesmo tempo, vejo muitos de nossos desenhistas

A evolução dos personagens: desde a criação, nos anos 1960, até hoje



produzindo para estúdios americanos, o que, por um lado, representa um reconhecimento do talento, mas, ao mesmo tempo, falta de oportunidades no Brasil.

Foi também pensando nisso que lançamos o projeto Graphic MSP, em que quadrinistas criam graphic novels com histórias para o público adulto a partir do universo da Turma da Mônica. São verdadeiras obras de arte. Este ano, a Graphic MSP foi premiada com sete troféus HQMix, tradicional premiação dos quadrinhos brasileiros. Fico contente com o reconhecimento da qualidade das histórias, da arte e da edição. A intenção é chamar a atenção de outras editoras para o mercado potencial que existe para os quadrinhos no Brasil.

— **Mauricio de Sousa** participará da Arena Cultural no dia 30/08, às 18h.



Foto: Divulgação MSP

## HISTÓRIA DE SUCESSO

Filho de poetas, Mauricio de Sousa nasceu em Santa Isabel, no interior paulista, e passou a maior parte da infância na cidade vizinha, Mogi das Cruzes. Foi lá, ainda criança, que chamou a atenção de amigos e familiares com seu talento e mais tarde, passou a desenhar cartazes para comerciantes e ilustrações para jornais locais. Aos 19 anos, montou seu portfólio e mudou-se para a capital em busca de emprego. Como desenhista, não conseguiu. Mas candidatou-se para uma vaga de repórter policial no jornal Folha da Manhã e foi contratado. Foi na função que aprendeu a linguagem objetiva do jornalismo, também necessária para as histórias em quadrinhos, e que pôde continuar desenvolvendo seu

## Quais são os próximos projetos da Mauricio de Sousa Produções?

Queremos nos aliar cada vez mais à educação, falar com as famílias de crianças que ainda não estão na pré-escola ou creches e precisam ter acesso a conteúdo de qualidade. Ainda são muitas, apesar dos avanços. Temos um projeto de programa educativo que gostaria muito de ver no ar em breve.

Pretendemos também investir cada vez mais no digital e nas novas plataformas de distribuição de conteúdo em vídeo, games e aplicativos. Estamos preparando uma nova edição do Cine Gibi, para a qual queremos saber a opinião dos espectadores, que personagens e temas mais os interessam. Um longa-metragem do Horácio está em produção e tem previsão para estreiar em 2015, com tecnologia similar à das maiores produções mundiais, só para citar alguns projetos. Como o Cebolinha, estamos sempre fazendo planos. Ainda bem que nossa porcentagem de acerto é bem maior que a dele. «

traço - sempre que o fotógrafo não conseguia a imagem para uma matéria, Mauricio a ilustrava.

Cinco anos depois, quando seus desenhos finalmente chamaram a atenção dos chefes de redação, uma tirinha dos personagens Bidu e Franjinha foi publicada pela primeira vez. O cartunista criou então um sistema de redistribuição, que em 10 anos, fazia com que as histórias chegassem a mais de 300 jornais em todo o Brasil. Já com uma pequena equipe formada, em 1970, aos 35 anos, lançou a revista da Mônica pela editora Abril, que logo tornou-se um sucesso. Nos anos seguintes, surgiram seus amigos famosos, como Cebolinha, Magali e Cascão, completando a Turma. Hoje, a Mauricio de Sousa Produções é um dos maiores estúdios do mundo e produz, em média, um gibi por dia.

Além das histórias em quadrinhos, a empresa se destaca por ter um dos maiores números de produtos licenciados no Brasil, que corresponde a 90% de seu faturamento, atrás apenas da Disney e da Mattel, responsável pela boneca Barbie. Agora, seu principal desafio é o processo de sucessão da empresa, que planeja há cerca de 20 anos. Desde então, tem delegado suas funções, transferindo aos filhos as principais atribuições. No entanto, a aposentadoria não faz parte de seus planos. Inspirado em nomes como o do arquiteto Oscar Niemeyer, que trabalhou até os 104 anos, e Tomie Ohtake, artista plástica que completou um século de vida, enquanto se afasta das principais atividades, Mauricio pretende inventar outras e dar continuidade ao seu legado.

## A NOVA ERA DA LITERATURA COMO A INTERNET E AS NOVAS MÍDIAS TÊM MUDADO NOSSA RELAÇÃO COM OS LIVROS

O livro, como o conhecemos, é considerado o principal suporte para registro de informações e conhecimento humano e, portanto, é também a base para a literatura contemporânea. Mas nem sempre foi assim. Antes da invenção do papel pelos chineses e da prensa de Gutenberg, usamos os mais diferentes tipos de materiais para contar nossas histórias, de folhas de palmeiras a tábuas de madeira, até chegarmos ao papiro e ao pergaminho. E ao que tudo indica, continuaremos evoluindo.

Desde o surgimento no mercado dos primeiros leitores eletrônicos, aparelhos portáteis que permitem a leitura de livros em uma tela plana de cristal líquido, em 1998, e o início de sua popularização com o lançamento do Kindle, em 2007, ainda hoje uma das marcas mais famosas do aparelho, leitores e profissionais da área especulam se os tradicionais livros de papel serão substituídos. Segundo Ana Munari, especialista na relação entre literatura e outras mídias, os livros digitais devem continuar ganhando espaço à medida que leitores e textos se adaptam a essa nova realidade. “Não há o que prever, além da certeza de que, sim, estamos mudando, e assim a literatura, os textos e os modos de ler. Se não fosse assim, estaríamos ouvindo epepeias em versos alexandrinos.”

Ainda que esses dispositivos apresentem uma série de vantagens, grande capacidade de armazenamento e

funcionalidades como ajuste de tipo e tamanho de fonte, luminosidade e orientação da página, não tem feito tanto sucesso no Brasil como em outros países. Enquanto nos Estados Unidos e na Europa estima-se que os livros digitais representem cerca de 20% do total de obras comercializadas, por aqui, a proporção chega perto dos 2% – mas vale ressaltar que os mercados internacionais têm alguns anos de experiência a nossa frente.

Apenas em 2012 os livros digitais começaram a conquistar espaço em território nacional, em função da chegada ao país da canadense Kobo, fabricante do leitor digital de mesmo nome, e das americanas Amazon (fabricante do Kindle) e Google Play Livros, gigantes mundiais do comércio de *e-books*. Antes disso, eles eram vendidos apenas por algumas poucas redes de livrarias, com um catálogo reduzido, e pelo site Gato Sabido, o primeiro a comercializar o produto no país, em 2009.

Para Francisco Paladino, presidente da Gato Sabido que atualmente conta com um acervo de 18 mil obras, esse crescimento deve ganhar fôlego com a divulgação de outros serviços, como bibliotecas virtuais, adoção de apostilas digitais no ensino público e privado e assinatura de livros – lançada este ano pela Amazon, o usuário paga uma mensalidade e tem acesso a quantos livros desejar, semelhante ao popular Netflix, que disponibiliza filmes

Foto: Johan Larsson

e séries de TV. Ele acredita que além do alto custo dos equipamentos para leitura, outras razões que dificultam a popularização dos *e-books* no Brasil são a falta de políticas de governo que incentivem sua adoção e o baixo interesse da população, acostumada com os livros de papel.

De todos os desafios, talvez o mais fácil de contornar seja a adaptação às novas plataformas, que podem enriquecer a leitura de várias maneiras. Alckmar dos Santos, pesquisador de literatura digital, exemplifica: “Lendo um livro de papel, com que frequência você para de ler, pega o dicionário, procura uma palavra que não conhece e retoma a leitura? No computador ou no leitor digital, é algo muito mais imediato, em dois segundos você tem o significado da palavra”. Se isso pode afetar nossa capacidade de concentração, o especialista pondera. “Depende do leitor. Se alguém está com um livro de papel nas mãos e não quer ler, vai se distrair com o passarinho cantando na janela. É claro que você tem muito mais estímulos quando está conectado à internet, mas se você quiser ler, vai ler.”

Para Ana Munari, a possibilidade de sairmos do conteúdo inicial e buscarmos intertextos, ou nos comunicarmos com outras pessoas, sem sair da cadeira, é um convite à dispersão. “A prática constante desse ir e vir, sem estacionar, sem aprofundar verticalmente o texto, pode, sim, afetar nossos hábitos, já que esse tipo de leitura, que vê o mundo em sua multiplicidade de linguagens, é o natural. Nós somos seres hipermediáticos por natureza – o letramento, sobretudo o escrito, é artificial, difícil, doloroso quase. Já a leitura multimodal e conectada é da nossa vida: cores, sons, movimento.” Ela também destaca que, além das mudanças causadas na forma como lemos, a internet e as novas mídias também interferem na produção dos textos, uma vez que a literatura tem sua fonte na realidade social, e em como respondemos a eles, compartilhando, recriando e interagindo.

Atento a essas transformações, o escritor e editor Ednei Procópio fundou em São Paulo, há cinco anos, a Livrus, uma empresa que atua em três frentes da literatura: publicação, oferecendo serviços que vão desde revisão de textos a impressão ou conversão para *e-book*, comercialização, com uma loja virtual, e divulgação, através de uma plataforma digital que possibilita que leitores, escritores e editores interajam entre si e comentem sobre os mais de 200 mil livros catalogados. Segundo o empresário, a ideia surgiu ao perceber uma oportunidade no mercado, que não costuma tratar os livros digitais e as mídias sociais de forma atrelada. “Os escritores começaram a compreender que é preciso diversificar os produtos editoriais e o modo como eles se comunicam com o público leitor.”

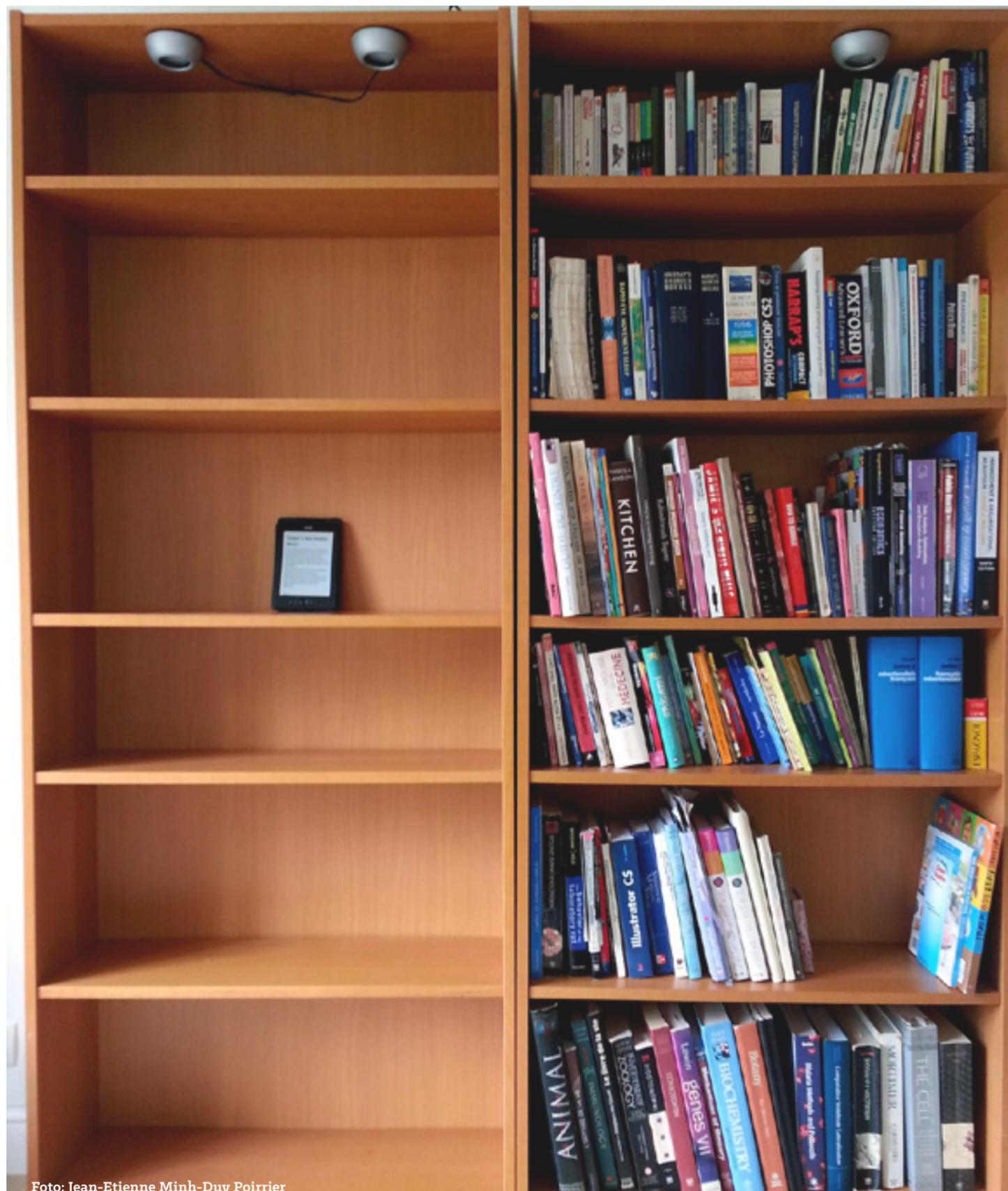


Foto: Jean-Etienne Minh-Duy Poirrier

## SUPORTE ANTIGO, NEGÓCIOS NOVOS

Mesmo na venda dos livros tradicionais a internet tem sua influência. Desde o início dos anos 1990, quando foi aberta para uso comercial e possibilitou o surgimento das primeiras lojas virtuais, os livros passaram a ser vendidos *online*. O caso mais famoso é o de Jeff Bezos, fundador da Amazon, que iniciou vendendo livros na garagem de casa, nos Estados Unidos, pela internet e hoje possui mais de 200 milhões de clientes. No Brasil, o primeiro passo foi dado por empresas físicas, que passaram a operar também de forma eletrônica. Em 1995, foi fundada a Booknet, primeira livraria exclusivamente virtual do país, vendida quatro anos depois para a Submarino, atual líder no comércio eletrônico. Depois disso, esse tipo de negócio se popularizou e nem os tradicionais sebos ficaram de fora.

Para conectar esses pontos de compra e venda de obras usadas e leitores, o administrador André Garcia fundou em 2005 a Estante Virtual. A ideia surgiu enquanto estudava para uma bolsa de mestrado e teve dificuldade em encontrar alguns livros. Hoje, o site é considerado a maior livraria em língua portuguesa do mundo, reúne mais de um milhão de títulos e 1.300 livros de 339 cidades de todo o país. Para que tenham seus produtos expostos, os comerciantes repassam uma porcentagem do valor de cada venda. O site fica responsável pela intermediação e o livro é enviado diretamente pelo vendedor para o comprador.

Menos de uma década depois, a empresa comemora a marca dos 10 milhões de livros vendidos, 30% deles com preços de até R\$ 10. “Mantemos uma economia média de 52% em relação aos preços praticados nas livrarias convencionais, e em alguns casos específicos, como de livros universitários, de 84%. Facilitamos o acesso à compra de livros para mais de dois milhões de leitores e acreditamos na importância da Estante Virtual na democratização da leitura.” Segundo André, facilidade de compra e praticidade na busca são os principais elementos priorizados pelos compradores online. Por isso, o mercado editorial precisou repensar não apenas seus canais de compra e venda, mas também a divulgação e relacionamento com os leitores.

Exemplo disso é o escritor best-seller Paulo Coelho, que em 2009 passou a colocar seus livros para *download*. “Se você gostou do que leu e tem condições para isso, sugiro que compre, assim podemos provar à indústria que o compartilhamento de conteúdos não representa uma ameaça à venda de livros”, explicou em seu blog. O mesmo fez a família de Vinicius de Moraes, disponibilizando de forma gratuita a obra completa do artista. Alckmar dos Santos explica que eles estão apostando, com uma certa dose de razão, que expor na internet pode alavancar a venda do livro em papel, seja em livrarias virtuais ou físicas.

## DA REDE PARA AS LIVRARIAS

A internet também impactou diretamente na formação de uma nova geração de autores – aqueles que começam publicando seus textos *online*. Para o pesquisador Alckmar dos Santos, esta facilidade em se autopublicar permitiu a democratização na produção de conteúdo, que ele vê como um dos aspectos mais positivos da relação entre a rede e a literatura. “O lado ruim é que quanto mais se produz, mais bobagem tem. Mas isso é inevitável, é preciso das bobagens para que as coisas boas apareçam. O importante é dar condições aos leitores de avaliarem o que é bom para eles em cada momento.” Essa nova leva de autores pode ser dividida em dois principais grupos: os que divulgam seus próprios textos em sites, blogs e redes sociais e os que recriam histórias já inventadas, conhecidas como *fanfictions*.

O termo, que em inglês significa “ficção criada por fãs”, diz respeito a contos e romances baseados em livros, filmes, histórias em quadrinho ou outras narrativas já existentes. Geralmente, criam-se novas tramas para algum personagem em especial ou alteram-se acontecimentos e desfechos. Para a especialista Ana Munari, esses textos servem para mostrar que o sistema literário tradicional não é inflexível e cristalizado. “A partir da escrita autônoma do leitor e



Foto: Gage Skidmore



Foto: Wagner Carvalho

suas recriações, é possível visualizar possibilidades para o universo cultural como um todo. É um novo paradigma, que mexe com as noções de leitura, autoria e criação.”

Esta edição da Bienal conta com a presença de duas autoras que iniciaram suas carreiras através das *fanfics*. A iraniana **Cassandra Clare**, autora da série *Os Instrumentos Mortais*, que já vendeu mais de 25 milhões de livros em todo o mundo, e **Carolina Munhóz**, brasileira que com o seu romance de estreia, *A Fada*, foi eleita melhor escritora pelo Prêmio Jovem Brasileiro. Em comum, as duas têm a saga que deu origem às suas *fanfics*, *Harry Potter*.

O personagem, que é um dos mais recorrentes entre as histórias alternativas publicadas na internet, já protagonizou uma polêmica sobre propriedade intelectual. Em 2001, quando a Warner Bros adquiriu os direitos de filmagem, passou a tirar do ar sites que faziam o uso do nome da franquia. Depois de uma onda de revolta entre os fãs, o estúdio voltou atrás e mudou sua política. Na época, J. K. Rowling, autora da série *best-seller*, sinalizou apoio aos fãs escritores.



Foto: Fernanda Costa

Outra escritora descoberta na internet, mas através de crônicas e textos pessoais publicados em seu blog, também marca presença no evento. **Bruna Vieira** é autora do *Depois dos Quinze*, diário virtual que criou aos 14 anos após uma desilusão amorosa e que conta com cerca de 60 mil visitas diárias. Quatros anos depois, em 2012, lançou seu

primeiro livro, em que reuniu as principais crônicas do site. De lá para cá, começou a escrever romances e publicou outras três obras.

“A internet é um espaço muito dinâmico, qualquer pessoa consegue criar um conteúdo e postar. Você não precisa ser rico, só precisa ter uma boa ideia.” Bruna conta que no início pagava o serviço que mantinha o site no ar com o dinheiro que economizava no lanche do colégio, e que passou a receber apoio dos pais quando perceberam que levava o blog a sério – aos 17 anos, mudou-se para a capital paulista para dedicar-se a ele e a sua carreira de escritora. “Agora, espero continuar conseguindo fazer as duas coisas: escrevendo no blog sobre as coisas que eu gosto e criando minhas histórias nos livros.” «

**Cassandra Clare** participará da Arena Cultural nos dias 23 e 24/08, às 14h

**Carolina Munhóz** participará da Arena Cultural no dia 28/08, às 18h

**Bruna Vieira** participará da Arena Cultural no dia 24/08, às 11h, e no dia 31/08, às 15h

## SEIS ANOS DEPOIS, DE HARLAN COBEN

“O MESTRE DAS NOITES EM CLARO” LANÇA SUSPENSE IMPOSSÍVEL DE PARAR DE LER



Foto: Divulgação

Jake e Natalie se conheceram no verão, enquanto ele participava de um retiro para escritores para terminar sua dissertação de ciência política, e ela, da Colônia de Renovação Criativa, para artistas. Eles se apaixonaram e viveram juntos os melhores meses de sua vida. Tudo ia bem, até Natalie repentinamente terminar o relacionamento para casar-se com Todd, um ex-namorado. No dia do casamento, ela pediu a Jake que os deixasse em paz e nunca mais voltasse a procurá-la. Ele cumpre a promessa durante seis anos, dedicando-se integralmente à carreira de professor universitário, até ver o nome de Todd em um obituário.

É sua oportunidade de reaproximar-se de Natalie. Mesmo depois de tanto tempo, Jake ainda precisa provar que não foi apenas um caso de verão, uma fuga da realidade em um local isolado. Ele vai ao enterro, mas ao invés de sua antiga paixão, uma outra mulher ocupa o lugar da viúva. Além disso, os adolescentes que prestam homenagem ao pai são muito velhos para serem filhos do casal. Decidido a esclarecer a história toda, ele volta para a cidade onde se conheceram. No entanto, nenhuma das pessoas lembra-se dele ou dos retiros, que eles afirmam nunca terem existido.

Teria ele imaginado esse romance? É o que sugere seu melhor amigo, pois Jake passava por um momento difícil na época. Mas ele sabe que há algo de errado, pois começa a ser perseguido e em seguida, recebe um e-mail anônimo que só pode ter sido enviado por Natalie. A partir daí, o protagonista se envolve em uma série de situações perigosas para encontrar uma pessoa que, na realidade, não quer ser encontrada.

O livro mantém um bom ritmo ao intercalar sequências de ação, suspense, amor e nostalgia, enquanto vai e volta entre os três meses que o casal passou junto e o presente. Reviravoltas no enredo são comuns: quando o leitor pensa que desvendou o mistério por trás da história, uma nova pista surge e muda tudo. Personagens aparentemente secundários de repente ganham importância e tornam a trama, muito bem amarrada, mais complexa à medida que Jake aproxima-se da verdade.

A narração em primeira pessoa funciona muito bem. Em alguns momentos, o sentimento é de estar dentro da cabeça do protagonista, resolvendo o mistério junto com ele. Em outros, é o de estarmos ouvindo os acontecimentos de um amigo, que comenta a própria história com humor. Até as cenas mais tensas são interrompidas para observações irônicas – o que deixa o texto mais solto, e ao mesmo tempo, aumenta a ansiedade pelo que está por vir.

Os pontos fracos ficam por conta de algumas sequências de ação forçadas, com situações improváveis em que o mocinho sempre escapa, e todas as suas declarações melodramáticas de amor por Natalie. Pelo menos dessa última o autor escapa através do bom humor de Jake. Em uma das passagens em que descreve seus sentimentos, admite: “Eu sei, tão meloso que dá vontade de vomitar, né?”. Ainda assim, o enredo prende a atenção do início ao fim e faz refletir. E se as suas memórias tiverem sido construídas a partir de mentiras? E se, mesmo sem saber, você for o responsável pelas coisas que deram errado? Como sugere o adesivo na capa da edição brasileira, não espere seis anos para ler o que pode ser o melhor livro de Harlan Coben. «

**Harlan Coben** participará da Arena Cultural no dia 23/08, às 10h30.

### SOBRE O AUTOR



Foto: Divulgação

O escritor norte-americano Harlan Coben é considerado um dos maiores mestres dos livros de mistério, com mais de 60 milhões de cópias vendidas em todo o mundo. Foi traduzido para 41 idiomas e seus últimos sete romances conquistaram o primeiro lugar da lista de mais vendidos do jornal *The New York Times*. É o único a ter recebido a “trinca de ases” da literatura policial americana – os prêmios Anthony, Shamus e Edgar Allan Poe. *Não Conte a Ninguém*, seu *best-seller*, foi transformado em um premiado filme em 2006, na França. *Seis Anos Depois* foi seu último livro lançado no Brasil, em julho desse ano.

# O CAMINHO ATÉ O PRIMEIRO LIVRO

AUTORES CONTAM COMO CHEGARAM AO SUCESSO NA CARREIRA LITERÁRIA

Ter a coragem e determinação de transformar uma boa ideia em livro não é das tarefas mais fáceis. Mesmo assim, muitos amantes da literatura sonham em um dia ter seu nome estampado na capa de uma publicação. E não pense que só talento basta. Exemplos como o de Agatha Christie, autora mais traduzida em todo o planeta, que foi rejeitada por seis editoras até ter seu primeiro livro publicado, e o de J.K. Rowling, que ouviu “não” de 12 editoras até lançar o primeiro livro da série *Harry Potter*, mostram que uma dose de persistência também é bem-vinda.

Segundo Eduardo Lacerda, fundador da editora Patuá, que publica títulos de forma independente e emplacou cinco indicações ao Prêmio Portugal Telecom de Literatura deste ano, o ideal é que o escritor iniciante também seja um bom leitor e que participe de lançamentos e eventos literários. “Não basta jogar o livro no mundo. É difícil conquistar espaço e leitores, quem deseja escrever precisa ter consciência de que é um processo demorado e aprender a lidar com a frustração.”

## CRISTOVÃO TEZZA



Foto: Ana Tezza

O autor do premiado romance *O Filho Eterno*, Cristovão Tezza, tinha 18 anos quando apresentou seu primeiro livro a uma editora. Foi recusado. Até os 22 anos, escreveu outras duas tentativas – “todas imprestáveis”, segundo ele. Depois disso, conseguiu publicar uma coleção de contos e três romances. Mas foi apenas em 1988, aos 36 anos e após quatro tentativas em diferentes editoras, que seu nome começou a se tornar conhecido com o lançamento de *Trapo*. Nessa época, o escritor também dava aulas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Paraná, onde permaneceu por mais de duas décadas.

Tezza conta que o sucesso de *O Filho Eterno* permitiu que deixasse de lecionar no momento certo, aos 57 anos, quando não tinha mais projetos acadêmicos, para dedicar-se

exclusivamente à literatura. “Não mudou muita coisa. Só que agora, sem a vida de professor, tenho muito mais tempo para ler e escrever.” Ele afirma ter sido seu livro mais difícil, já que relata, mesmo que com uma dose de ficção, sua relação com o filho deficiente. A primeira dificuldade foi ter a ideia de escrevê-lo, o que levou 20 anos, e a segunda, encontrar o tom correto para uma história tão pessoal.

Quando está criando um livro, o autor é rotineiro, escreve todos os dias das 9h ao meio-dia. Ele diz que seu processo de criação é muito lento. Entre a ideia da obra e seu ponto final, são em geral três ou quatro anos. “Fico escrevendo mentalmente até criar coragem e escrever de fato a primeira frase, que é uma espécie de armadilha de que não vou conseguir mais escapar.” E nem sempre o livro sai como planejado. Um exemplo é o romance *Um Erro Emocional*, que começou como um projeto de conto. A princípio, teria dez páginas. Acabou com 180. Além de paciência para as mudanças do caminho, ele também recomenda para quem deseja viver de livros: “vontade de ser escritor. Só talento não basta”.

**Cristovão Tezza** participará do Salão de Ideias no dia 26/08, às 14h.

## PAULA PIMENTA



Foto: Fernanda Costa

Uma das autoras de maior sucesso entre adolescentes, com mais de 500 mil livros vendidos, Paula Pimenta começou a escrever poemas ainda criança. Por ser tímida, sempre preferiu se expressar através da escrita, e foi essa facilidade com as palavras que a fez optar pelo curso de jornalismo. “Na faculdade, descobri que não queria ser jornalista, queria era ser escritora. Tudo que eu escrevia, os professores falavam: ‘Isso é uma crônica! Isso é literatura!’” Acabou se formando em publicidade e música, atuando nas duas áreas até tornar-se escritora em tempo integral.

Sua estreia na literatura aconteceu com uma coleção de poemas de tiragem reduzida, financiada pelo pai, apenas para que a autora pudesse ter um registro de seus textos. O livro foi relançado a pedido dos leitores depois que Paula ficou conhecida nacionalmente graças à série *Fazendo Meu Filme*, lançada aos 33 anos. “Quando escrevi o primeiro livro, nem sabia que ia publicar. Suas três leitoras, minha mãe, uma prima e uma amiga, me encheram o saco até eu arrumar uma editora para ele.” Nas duas primeiras tentativas, o romance sequer chegou a ser lido, sob o pretexto de que adolescentes não leem livros grossos.

Com um contrato assinado e um sucesso nas livrarias, ela conta que ter atingido o público jovem foi uma surpresa. “Achei que minhas amigas iam gostar, lembrando da nossa adolescência. Mas acabei descobrindo que adolescente é igual em qualquer geração, só muda a moda e a trilha sonora.” Para quem sonha em tornar-se escritor, a autora dá três conselhos. O primeiro é ler muito. “Escritor tem que ler mais que todo mundo, porque além de ter que ler outros livros para pesquisa, precisar ler seu trabalho várias e várias vezes.” O segundo é escrever sobre o que conhece, para poder convencer o leitor. E por fim, escrever sobre o que gosta, já que vai passar muito tempo com seus textos. “Você tem que ser a primeira pessoa a se apaixonar pelo seu livro.”

**Paula Pimenta** participará da Arena Cultural no dia 24/08, às 11h, e no dia 31/08, às 15h.

## EVA FURNARI



Foto: Divulgação | SESC SP

Como toda regra tem sua exceção, Eva Furnari é uma delas e em sua primeira tentativa, foi publicada. Com mais de 60 livros lançados e sete prêmios Jabuti, a escritora e ilustradora marcou gerações com as histórias da Bruxinha, sua personagem mais famosa. Formada em arquitetura, ela inicialmente trabalhou como professora de artes em um museu. Em 1980, quando ficou sabendo que uma editora estava aceitando novos escritores, montou um portfólio e apresentou suas histórias ilustradas, sem textos, algo incomum na época. Recebeu a resposta uma semana depois: um contrato para quatro livros.

Foi aí que, aos 32 anos, publicou suas primeiras obras, a coleção *Peixe Vivo*. Desde então, não parou mais de lançar novas histórias, além de ter trabalhado como ilustradora para várias revistas e criado tirinhas para a *Folhinha*, suplemento infantil da *Folha de S. Paulo*. Após quase 15 anos de carreira, passou a unir textos às suas ilustrações, fórmula que utiliza até hoje. Sobre seu processo criativo, Eva explica que tem dois enfoques. O primeiro é o das ideias, solto e intuitivo, e o segundo, a organização de tudo, de forma mais racional. “Mas é preciso ter cuidado para não se autocriticar em excesso, pois prejudica o ato da criação, trava o escritor.”

Ela também alerta para o papel que o autor exerce como formador de opinião e que por isso, é necessário abordar questões que estimulem as crianças, sempre de forma ética. Em sua opinião, um bom livro infantil precisa ser um bom contador de histórias, com uma linguagem acessível. Para quem quer seguir seus passos, cabe a reflexão da autora sobre seus mais de 30 anos de carreira. Ela afirma estar buscando cada vez mais o que considera verdadeiro e o que a mantém fiel a si mesma, ao invés de cair na tentação das tendências do mercado. “Acho que a gente chega no outro de verdade quando mergulha dentro de si.” «

**Eva Furnari** participará do Salão de Ideias no dia 28/08 às 14h, e do Espaço Imaginário, às 17h.

BIENAL<sup>EM</sup>  
*Revista*

Revista da Bienal do Livro de São Paulo — Agosto de 2014 — 1ª edição